

12. Vegas

associando-se com o chefe / indo às lutas / andando em limusines brancas / divertindo-se com o senhor prefeito / andando de moto em quartos de hotel / sentindo-se como uma máquina de sexo

BONO está intrigado com Las Vegas por todas as razões que ele nos revelou: ele acha que ela é o lixão onde encontramos as joias; é o consumismo e materialismo da nossa sociedade sem máscaras; é a catedral da cultura. “Pelo menos se você rezar para um caça níqueis”, sugiro a ele, “você recebe sua resposta imediatamente”. Mas eu acho que a verdadeira razão pela qual o U2 se sente atraído por Las Vegas é porque foi em Vegas que eles conheceram Frank Sinatra e passaram a fazer parte da Irmandade Internacional dos Importantes e Esbanjadores Pós Rat Pack¹.

Na primavera de 1987, o *The Joshua Tree* havia acabado de ser lançado e o U2 estava aproveitando o brilho do seu primeiro álbum número um, de seu primeiro single número um “With or Without You”, e eles estavam na capa da revista *Time*. No momento de toda essa glória eles estiveram em Las Vegas pela primeira vez, e também pela primeira vez foram à uma luta de boxe e viram o brilhante peso-médio Sugar Ray Leonard vencer com a graça de um dançarino. Daí, eles ganharam ingressos gratuitos para ver o Sinatra e Don Rickles, no que lhes disseram ser uma apresentação de 25 mil dólares por mesa. Eles estavam, como o U2 sempre esteve naquela época, vestidos como Emmett Kelly², mas eles eram tratados como realeza. Sinatra estava numa noite agradável, cantando “One for My Baby” e outros de seus clássicos, e o U2 estava impressionado. Então Frank diz que quer apresentar alguns convidados especiais naquele público repleto de estrelas, um grupo da Irlanda detentor do álbum número um no país, e que estão na capa da *Time*: o U2. Um canhão de luz iluminou a banda e eles se levantaram, agindo como grandes estrelas e acenando para Liz Taylor, Gregory Peck e todas as outras estrelas numa audiência coberta de casacos de pele até que Sinatra os arrasa dizendo: “E eles não gastaram um centavo em roupas”.

Depois do show o U2 foi ao camarim para dizer olá a Frank e acabou entrando numa discussão intensa com ele sobre música, um assunto que eles tiveram a impressão de que ninguém

¹ Rat Pack é o apelido dado a um grupo de artistas populares muito ativo entre meados da década de 1950 e meados da década de 1960. Sua formação mais famosa foi composta por Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr., Peter Lawford e Joey Bishop, que apareceram juntos em filmes e em apresentações nos palcos no começo dos anos 1960. Apesar de sua reputação de grupo masculino, o *Rat Pack* teve participações femininas, como as de Shirley MacLaine, Lauren Bacall (a quem se atribui a autoria do apelido), e Judy Garland. Uma das produções mais famosas do grupo é o filme *Ocean's Eleven* de 1960, que foi refilmado em 2001 pelo diretor Steven Soderbergh com o nome de *Onze homens e um segredo*.

² Emmett Kelly, na íntegra Emmett Leo Kelly, (nascido em 9 de dezembro de 1898, Sedan, Kansas, EUA - morreu em 28 de março de 1979, Sarasota, Flórida), um dos grandes palhaços de circo americanos, mais conhecido por seu papel como Weary Willie, um vagabundo lúgubre vestido com roupas esfarrapadas e penteado com barba e nariz bulboso.

nunca havia discutido com ele. Buddy Rich tinha acabado de morrer e Larry perguntou se era verdade que na época das grandes bandas o grupo todo seguia o baterista. “Da maneira como deve ser!” Sugeriu Larry. Riche e Sinatra haviam sido companheiros de quarto, amigos, inimigos e finalmente almas-gêmeas, e Sinatra aproveitou a chance para falar sobre ele, para falar sobre a interação entre os músicos nos dias de Tommy Dorsey e Glenn Miller.

Os assessores de Sinatra continuavam batendo na porta com os nomes de outras celebridades que estavam esperando do lado fora por uma chance de dar um oi: “Gene Autry, Frank”. “Roger Moore, Frank”. Cada vez que Sinatra escutava a batida na porta dizia-lhes para se mandarem, porque ele estava conversando com o U2. Depois, os gerentes da carreira do Sinatra pareciam impressionados pelo fato do chefe, que nunca passava tempo com ninguém, deixou que um grupo de rock tivesse toda a sua atenção. O U2 recebeu convites permanentes para assistir corridas em Nova Jersey e outros eventos para privilegiados. A piada da turnê depois disso era: “Desde que conhecemos Sinatra, acabaram-se os problemas em nos enturmar”.

Bono, sempre um grande fã, se atirou de cabeça na música de Sinatra. Ele assistiu a um concerto de Sinatra em Dublin, um ou dois anos depois, e achou que seria presunção se tentasse ir ao camarim - talvez Sinatra até tivesse se esquecido dele. Durante o show ele sentiu um tapinha no ombro e se virou para dar de cara com o Senhor Prefeito de Dublin ornamentado com suas faixas cerimoniais e amuletos, agachado no corredor dizendo: “Bono! O Frank estava perguntando por você!”

Então é com algum interesse prévio que o U2 aterrissa em Vegas novamente, contentes pela vitória de Clinton e pela inspiração do Glide Memorial e cheios de poder e glória. Eles dão de cara com o guitarrista do R.E.M, Peter Buck, no show do Alabama e convencem-no a se juntar a eles quando chegarem a Sin City. Buck diz que é ótimo mergulhar no mundo do U2, mas “eu me sinto, tipo, o assistente do Hermann Goerig. Você está sempre numa limusine branca rodando para algum lugar realmente interessante e que ninguém sabe por que você está lá. Mas, eu realmente gosto disso!”

R.E.M. é a banda cuja posição e reputação é a mais próxima do U2. Em meados dos anos 80, Bono foi ao telefone e convenceu o R.E.M. a abrir algumas datas do festival europeu para o U2, depois do R.E.M. ter prometido nunca mais abrir para qualquer um como resultado de umas más apresentações abrindo para o Bow Wow Wow. Uma amizade entre os dois grupos começou naquela época, confirmada quando Buck e o baixista do R.E.M., Mike Mills foram pressionados até cantarem uma versão bêbada de “King of the Road” no ônibus da turnê do U2.

“Nós éramos, tipo, os décimos segundos na lista de alguns shows”, lembra Buck. “E parece que eu me lembro de nos apresentarmos lá pelas onze da manhã para uma massa indiferente, em geral. É engraçado porque tocávamos muito bem. Eu não acho que fazíamos um show ruim. Ninguém nunca tinha ouvido falar de nós. Nós fomos bem em Dublin, mas em alguns shows eu lembro de ter visto muitas nuças e ocasionalmente, as solas dos pés deles enquanto estávamos tocando. Não era ruim. Nós terminávamos lá pelas duas da tarde, então podíamos nos embebedar e ver as outras bandas. Foi a primeira vez que fizemos algo assim. E depois que fizemos isso, pensamos, bem, não é tão difícil assim”.

Ambos, R.E.M. e U2 surgiram no início dos anos 80 e agora são praticamente as únicas bandas que restaram em meio a dúzias de concorrentes - X, Husker Du, Gang of Four, the Replacements, the Blasters - que na época pareciam igualmente propensos a ir tão longe quanto o R.E.M. e o U2 foram.

“Nenhuma das outras bandas da época que viemos, o pós punk, duraram”, diz Buck. “Eu achava que talvez houvesse algo em processo de se tornar obsoleto incorporado ali: quando você não reconhece o passado, há um limite até onde você pode ir no futuro. Muitas das perspectivas históricas daquelas bandas remontam a 1975 e não há muito que se possa realmente fazer com isso. Você usa sua energia juvenil e sua loucura e depois faz o que? Então é hora de aprender a escrever músicas. Muitas daquelas pessoas não aprenderam. Eu lembro do ano em que o U2 começou a vender muitos discos. De repente ficou meio óbvio que isso iria acontecer porque, bem, quem mais existia? Ou seria o Bon Jovi e bandas daquele estilo - o que era óbvio que muitos garotos estavam ouvindo - ou seria o U2 e até certo ponto nós. Eu não acho que nós iríamos especificamente vender muitos discos, mas eu podia ver que havia essa grande lacuna e que o U2 definitivamente iria preenchê-lo.

“O R.E.M. realmente não se importa se somos a maior banda do mundo, mas eu acho que o U2 até um certo ponto deseja isso. Eu falei com o Larry sobre o assunto e ele me disse isso. Você toma decisões conscientes. Não acho que qualquer uma dessas decisões tenham mudado musicalmente aonde eles queriam chegar, mas eu acho que muda como nós nos apresentamos, e alguns de nós simplesmente não estávamos realmente interessados nesse tipo de coisa. Bill Berry (baterista do R.E.M.) disse: ‘Se eu quisesse ser famoso eu seria o cantor’. Ele ficaria muito feliz se simplesmente nunca tivesse que aparecer em fotografias, nunca tivesse que dar uma entrevista e eu sou praticamente do mesmo jeito. Então, as nossas fotos não estão nas capas dos discos e nós não aparecemos muito nos vídeos. Nós não fazemos o rodízio em programas de entrevista. Não apresentamos prêmios. Não vamos ao Rock & Roll Hall of Fame. Eu preferia não fazer nada além de gravar os discos, tocar quando eu tenho vontade e quando chegar a hora de promover os álbuns, fazer as obrigatórias sessões de três semanas de entrevistas e parabenizações”.

Eu sugiro ao Buck que é melhor que o U2 tenha essas ambições do que deixar o campo para o Bon Jovi.

“Sim”, diz Buck. “Eu gosto de pessoas ambiciosas. Eu gosto de pessoas que vêm um objetivo que queiram alcançar e trabalham em direção a ele. Nossos objetivos são apenas diferentes”.

Buck ainda não sabe, mas ele está prestes a ser enredado em um momento não muito R.E.M. Suzanne Doyle, do Principle, liga para o quarto do Buck e informa-o que nesta noite, no show do U2 para o qual ele está indo, ele irá entregar um prêmio da revista Q para o U2 e aceitar um em favor do R.E.M. entregue pelo U2. Peter tenta escapar; ele diz: “Vocês não vão me obrigar a fazer isso no palco, vão?” Não, não, eles dizem, eles farão tudo no camarim, com fotos para a revista e uma filmagem dos discursos de aceitação para serem transmitidas no jantar de premiação em Londres.

Então Buck é conduzido até um camarim decorado com vasos de palmeiras e ele e o U2 se revezam entregando um ao outro o mesmo troféu (a revista mandou apenas um) enquanto Bono entra e sai do seu personagem the Fly e todos morrem de rir pedindo ao cinegrafista para parar a gravação e começar tudo de novo.

Como recompensa pelos esforços de Buck, Bono insiste que ele acompanhe o U2 a uma luta do campeonato mundial de boxe na noite seguinte, entre o campeão Evander Holyfield e o jovem desafiante Riddick Bowe. Buck nunca esteve em uma luta de boxe e então aceita o convite. O U2 espera que seja uma experiência tão emocionante como foi ver Sugar Ray Leonard cinco anos antes. Eles não terão a mesma sorte.

Na arena, Bono e Buck entram numa discussão estilo Alphonse e Gaston¹ para decidir quem fica com o melhor lugar. Bono insiste que Buck vá para a primeira fila com Edge e Larry; Bono ainda tem uma boa visão de umas fileiras logo atrás. Mas, Buck diz que não, não, as pessoas querem ver o U2 entrar juntos. Bono diz: “Olha, eu vou com vocês até a frente, depois volto para o outro lugar - eu não quero ficar na frente”. Buck recebe uma pequena dose do tratamento que o U2 ganha por estarem na capa de todos aqueles álbuns e vídeos enquanto eles caminham entrem os VIPs de Hollywood e todos os cumprimentam. Jack Nicholson olha para cima e diz: “Olá, rapazes!” “Oi, Jack!” [Nicholson começou a ir aos shows do U2 durante a Joshua Tree Tour e ele e Bono passam algum tempo juntos em Hollywood e na França. Bono está impressionado com o fato de Nicholson manter uma representação perfeita de Jack mesmo quando atua em uma língua estrangeira. Ele faz uma grande imitação do ator dizendo, com as famosas inflexões dele: “Pardon ey moi, Garson. Havey vous french fries?” (Me desculpe, garoto. Você tem batatas fritas?)]

Bono cumprimenta seus colegas da realeza e deixa Edge, Larry e Buck na fila da frente. Buck vira para a esquerda e se apresenta para o homem sentado ao lado dele, que acaba sendo o próprio Sugar Ray Leonard. Quando a luta começa, Leonard oferece a Buck um comentário instantâneo, explicando cada estratégia e como cada ponto é contado. Essa, Peter se dá conta, é a maneira de se assistir a sua primeira luta de boxe.

No segundo round, Bowe, de 25 anos, acerta Holyfield, de 30 anos, com um golpe baixo que o campeão considera ilegal. Holyfield se vira para chamar a atenção do árbitro e Bowe soca-o de surpresa. Holyfield fica furioso e abandona toda a estratégia, batendo na cabeça do mais jovem com socos que, para os músicos, soam como canhões. A luta fica feia. Buck fecha os olhos. Larry sente o sangue subir quando um famoso idiota atrás dele - Sylvester Stallone - grita: “Quebra o maldito nariz dele!” como se fosse o amiguinho do valentão da escola. Buck ouve Bruce Willis berrar “Mate-o!” e resmunga que gostaria de ver Willis e Stallone batendo um no outro, sangrando para o divertimento de milionários. Isso não é nada parecido com a luta de Leonard que parecia tão científica, tão graciosa. Esses são dois pesos pesados tentando arrancar a cabeça um do outro com socos que matariam todos os gêneros de roqueiros.

Eles chamam esses lugares de “o círculo vermelho”, porque se você é rico o suficientemente para se sentar aqui você pode ter sangue espirrado em você. “Ouvir os punhos acertando os rostos”, diz Larry, “ver os cortes se abrindo sobre os olhos e o sangue escorrendo para os olhos dos lutadores é perturbador”.

¹*Alphonse e Gaston* era uma tira de jornal americana apresentando um par de franceses com uma propensão à educação. Eles apareceram pela primeira vez no jornal em 22 de setembro de 1901. Seu “Depois de você, Alphonse”, “Não, você primeiro, meu querido Gaston!” divertiu leitores por mais de uma década. Alphonse era baixo e grotesco; Gaston era alto e grotesco. A premissa da tira era que ambos eram extremamente educados, constantemente se curvando e se submetendo um ao outro. Nenhum deles poderia fazer nada ou ir a qualquer lugar, porque cada um deles insistia em deixar o outro precedê-lo.

Ao final da luta há um novo campeão: Riddick Bowe numa decisão unânime após o que o New York Times chama de “Uma das melhores lutas de pesos pesados da história”. Larry, Edge e Buck ficam desapontados com a doce ciência e desistem do boxe. Bono, que estava mais atrás, sente-se arrasado quando Buck diz para ele que o lugar que ele cedeu estava do lado do Sugar Ray.

Os músicos entram em sua limusine branca e são deixados no ringue de outro grande atleta afro-americano - James Brown. Conseguir uma madrugada em que J.B. se apresenta, em Vegas, seria genial de qualquer modo, mas James anuncia que ele tem um convidado especial na audiência que ele quer convidar para se juntar a ele em “Sex Machine”. Bono arruma o cabelo e Brown anuncia: “Magic Johnson!” O lugar vai a loucura quando Magic, o sobre-humano jogador de basquete, que recentemente abandonou as quadras quando soube que era soropositivo, sobe ao palco e se junta a James cantando: “Get up! I feel like a sex machine” (“Levante-se! Eu me sinto uma máquina de sexo”).

Bono acha que é uma escolha de música estranha para um homem que luta contra o vírus da AIDS depois do que ele mesmo descreveu como uma vida de promiscuidade. “Seja uma máquina do sexo”, diz Bono, “mas pelo amor de Deus, use camisinha”.

Quando toda a caçada às estrelas termina, quando os roqueiros voltam e conhecem Magic e James e colocam Stallone e Willis de lado e dão boa noite para as histórias sobre Jack Nicholson e Frank Sinatra, Buck fala sobre o quanto a novidade dessa convivência entre roqueiros e estrelas de primeira é realmente nova.

“Acho que, em parte, a natureza das celebridades do rock & roll mudou nos últimos dez anos”, ele diz. “Se você olhar para qualquer um daqueles filmes antigos dos Stones, onde eles se hospedam num Holiday Inn em 1972, eles são a maior banda do mundo e ninguém sabe quem eles são. Isso não acontece mais. Todo mundo aparece nos vídeos. Pessoas do rock & roll como nós cresceram ensaiando em garagens e ninguém se importava com a nossa aparência; simplesmente não tinha nada a ver com celebridades. Então, só quando você se tornava realmente grande, os garotos saberiam quem você era”.

“Existe a ideia de que o rock & roll é música rebelde e você não está fazendo o que a sociedade diz. Mas, hoje em dia, assim que você tem um álbum de sucesso você já começa apertando a mão de caras em escritórios e as pessoas querem que você corte o cabelo de maneira diferente. Eles oferecem alguém para fazer os seus ternos para que você fique com aquele visual estilo Armani. Tem de ser algo chocante”.

“O R.E.M. não vendeu um milhão de discos até que estivéssemos juntos por nove anos. Então, naquele momento, você não conseguiria me mostrar algo que eu ainda não tivesse visto. E com o U2 foi a mesma coisa. Eles tiveram mais sucesso do que nós, eu acho que lá por 1985 eles eram realmente enormes. Mas, mesmo assim, eu aposto que ninguém com mais de 25 anos os reconhecia na rua. E agora já não é mais assim. Você pode literalmente ter um vídeo e ser mundialmente famoso. Pessoas em países estrangeiros sabem como você é. Celebridades do rock atualmente estão mais perto do que o tradicional mundo do entretenimento costumava ser, onde eles escreviam sobre os seus hábitos pessoais. Os Stones costumavam

aparecer na imprensa principal apenas quando eram presos. Agora eu leio as colunas de fofocas quando estou em Nova York ou Los Angeles e elas dizem quem está comendo onde e com quem. É uma coisa completamente nova”.

Buck considera que o que separa os artistas dos *posers* é a vontade de continuar mudando o que os fez ter sucesso. Outra coisa que o U2 e o R.E.M. têm em comum é que ambas as bandas criaram sons instantaneamente identificáveis que foram amplamente imitados por outras bandas - e então abandonaram esses sons e se moveram para novas áreas.

“Há pessoas que estão nisso pela carreira e há pessoas que estão nisso para tentar descobrir algo sobre si mesmas”, diz Buck. “A única maneira que você pode descobrir sobre a sua vida e como vivê-la é tentar muitas coisas diferentes e fracassar em algumas delas. Provavelmente, o único fracasso do U2 foi o Rattle and Hum. Eu tenho certeza que ele vendeu dez milhões de discos, mas eu não acho que ele tenha feito exatamente o que eles esperavam. E, no entanto, isso foi bom. Porque abriu as portas para eles fazerem algo diferente”.

Buck estava impressionado com a Zoo TV em vários níveis: “Certamente, ao longo dos anos eles ficaram conhecidos como sendo um grupo sincero, com letras maiúsculas. Foi legal eles terem sido capazes de simplesmente pegar isso, jogar fora e começar de novo. E do ponto de vista tecnológico o show é espantoso. Como músico eu estava pensando: ‘Meu Deus, vai ser complicado. Eles têm que trabalhar com todas essas deixas e com tanta coisa acontecendo!’ Quero dizer, se eu quero ir ao backstage durante uma música e colocar o dedo no nariz eu posso; há vários lugares escuros. Mas, isso era quase como uma peça da Broadway, era tudo muito rígido. Eu realmente acho que foi um grande show. Provavelmente o melhor show que eu já estive em uma grande arena”.

Os outros voam de Las Vegas para a Califórnia, mas Larry continua - como ele tem viajado por grande parte da América - em sua motocicleta com o seu companheiro de moto, o segurança David Guyer. Depois de uma viagem da Flórida para Nova Orleans, Larry ganhou suas asas, um emblema da Harley-Davidson. David diz que no mundo das motocicletas não faltam celebridades que sabem mais sobre querer se aparecer do que realmente saber dirigir. Ele cita uma estrela do rock que comprou uma grande e cara moto e fez um grande show ao entrar no estacionamento de um clube noturno moderníssimo. Infelizmente, ele não tinha aprendido a parar e bateu.

Ao longo da estrada deserta entre Vegas e Califórnia, Larry e David param num hotel de beira de estrada para passar a noite. Larry não sabe ao certo porque David insiste com o atendente que seus quartos sejam no andar térreo. Assim que eles pegam as chaves, David leva Larry de volta para fora e diz para ele subir na moto, eles não vão deixar essas Harleys aqui fora. David dirige a sua motocicleta até o seu quarto e Larry se sente obrigado a fazer o mesmo. “Eu adoro o cheiro de gasolina pela manhã”, diz Larry.